

<http://doi.org/10.47369/eidea-25-3-4840> Recebido em: 15/09/2025 Aprovado em: 01/11/2025



## Argumentação, dialogismo e pontos de vista no gênero entrevista

### A construção do *ethos* de uma líder comunitária “atingida por rompimento de barragem”

**Paulo Henrique Aguiar Mendes**

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Brasil

[orcid.org/0000-0003-0584-0669](https://orcid.org/0000-0003-0584-0669)

Este trabalho pretende desenvolver uma análise da construção argumentativa do *ethos* de uma líder comunitária em uma entrevista da Revista Fórum, realizada em setembro de 2023, com uma atingida pelo rompimento da Barragem de Fundão em Mariana em novembro de 2015. A entrevistada, Simone Silva, liderança da comunidade quilombola de Gesteira, relata argumentativamente os oito anos de luta e resistência, denunciando o que chama de ‘racismo ambiental’ contra o seu povo. Buscamos analisar a dimensão argumentativa presente nessa entrevista, destacando o caráter dialógico do *ethos*, bem como a emergência de diferentes pontos de vista na entrevista. Recorreremos a teorias da argumentação em sua articulação com modelos de análise do discurso, a partir de categorias propostas por autores como Amossy (2005, 2011, 2018), Maingueneau (2020), Plantin (2008, 2011, 2025) e Rabatel (2013, 2025), com vistas a fundamentar teórica e metodologicamente a nossa abordagem, ancorada numa perspectiva descritivo-interpretativa do objeto em questão.

**Palavras-chave:** Argumentação. Dialogismo. Entrevista. *Ethos* de líder comunitária

### Argumentación, dialogismo y puntos de vista en el género entrevista: la construcción del *ethos* de una líder comunitaria “afectada por colapso de presa de desechos mineros”

Este trabajo pretende desarrollar un análisis de la construcción argumentativa del *ethos* de una líder comunitaria en una entrevista de la Revista Fórum, realizada en septiembre de 2023, a una afectada por el derrumbe de la “Barragem de Fundão” en noviembre de 2015 en Mariana. La entrevistada, Simone Silva, líder de la comunidad “quilombola” de “Gesteira”, relata argumentativamente los ocho años de lucha, denunciando lo que nombra como ‘racismo ambiental’ en contra de su pueblo. Analizamos la dimensión argumentativa presente en esta entrevista destacando el carácter dialógico del *ethos*, así como la emergencia de diferentes puntos de vista en la entrevista. Utilizamos teorías de la argumentación en su articulación con modelos de análisis del discurso, a partir de categorías propuestas por autores como Amossy (2005, 2011, 2018), Maingueneau (2020), Plantin (2008, 2011, 2025) y Rabatel (2013, 2025), con vistas a fundamentar teórica y metodológicamente nuestro abordaje, anclado en una perspectiva descriptivo-interpretativa del objeto investigado.

**Palabras clave:** Argumentación. Dialogismo. Entrevista. *Ethos* de líder comunitaria

### **Argumentation, dialogism, and points of view in the interview genre: the construction of the *ethos* of a community leader “affected by a dam collapse”**

This paper aims to develop an analysis of the argumentative construction of the *ethos* of a community leader on an interview from Revista Fórum, conducted in September 2023, with a person affected by the Fundão Dam collapse in Mariana in November 2015. The interviewee, Simone Silva, a leader of the Gesteira quilombola community, narrates eight years of struggle and resistance through her argumentation, denouncing what she calls 'environmental racism' against her people. We seek to analyze the argumentative dimension present in this interview, highlighting the dialogical nature of the *ethos*, as well as the emergence of different points of view within the interview. We will rely on argumentation theories in conjunction with discourse analysis models, using categories proposed by authors such as Amossy (2005, 2011, 2018), Maingueneau (2020), Plantin (2008, 2011, 2025), and Rabatel (2013, 2025), in order to theoretically and methodologically ground our approach, anchored in a descriptive-interpretive perspective of the object in question.

**Keywords:** Argumentation. Dialogism. Interview. *Ethos* of a community leader.

### **Introdução**

É amplamente reconhecida a gravidade e a repercussão internacional do rompimento da barragem de rejeitos, chamada de Fundão, da mineradora Samarco em Mariana (MG), ocorrido no dia 05 de novembro de 2015. Dentre as suas consequências, ressaltamos a morte de dezenove pessoas, entre trabalhadores e habitantes da região, a devastação completa do subdistrito de Bento Rodrigues e de parte dos distritos de Paracatu, Gama, Camargos, Campinas, Pedras, bem como áreas ribeirinhas ao longo do rio Doce, no percurso da “lama de rejeitos” pelos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo. O processo de discursivização desse acontecimento de proporções catastróficas, considerado o maior desastre socioambiental do país, foi ostensivamente divulgado e a sua semiotização ganhou um contorno muito importante nas produções midiáticas, nas narrativas de atingidos, nos discursos de agentes públicos e nas ações de solidariedade, em função, entre outros fatores, de seu impacto sobre a vida dos indivíduos, a coletividade e o patrimônio sociocultural na microrregião de Mariana.

Decorridos quase dez anos de uma catástrofe (crime) socioambiental de tamanha envergadura e impacto, os conflitos e as divergências entre as comunidades atingidas e as empresas envolvidas continuam se arrastando sem um horizonte de resolução consensual e satisfatório, seja no âmbito dos processos judiciais entre as partes envolvidas, seja nos debates sociais e políticos marcados pela discrepância e dissensão entre as reivindicações por parte dos atingidos e as propostas de reparação apresentadas pelas empresas de mineração responsáveis pela tragédia do

rompimento da barragem. Acrescenta-se a essa disputa extremamente polêmica o rompimento da barragem de Brumadinho e o risco iminente de novos rompimentos de barragens de rejeito em diversas regiões do país e, mais especificamente, em Minas Gerais e na chamada Região dos Inconfidentes<sup>1</sup>.

No contexto desse embate socioambiental, político e jurídico, destacam-se diferentes práticas discursivas de caráter argumentativo, seja no sentido de mediação das relações entre os envolvidos, seja na perspectiva do posicionamento acerca dessas relações. Na esfera judicial e administrativa, as partes envolvidas, atingidos e empresas, bem como o Ministério Público e o governo estadual e federal, buscam formas de negociação, de mitigação e de reparação dos danos. No domínio midiático, os diversos veículos de comunicação objetivam ora informar, ora dramatizar, ora se posicionar sobre o acontecimento e seus desdobramentos. No âmbito da sociedade civil, diversos movimentos sociais, especialmente relacionados aos atingidos e a seus representantes, realizam diferentes formas de mobilização e protesto nas ruas e nas redes sociais.

Nosso objeto de análise neste artigo situa-se, mais especificamente, no discurso produzido no domínio midiático, focalizando um de seus gêneros mais recorrentes, a saber, a entrevista, com sua estruturação comunicativa dialogal, composta de perguntas e respostas. No caso específico da entrevista analisada, cabe ressaltar que a Revista Fórum<sup>2</sup>, veículo de mídia alternativa digital, responsável pela sua realização e publicação, apresenta uma linha editorial caracterizada por um posicionamento explicitamente favorável à causa dos atingidos e, conseqüentemente, contra as empresas de mineração responsáveis pelo crime do rompimento da barragem. Esse aspecto é relevante, no sentido de explicitar, logo de início, que a escolha da entrevistada, Simone Silva, liderança da comunidade quilombola de Gesteira, tem como finalidade mais geral apresentá-la ao público leitor, conferindo-lhe visibilidade,

---

<sup>1</sup> Em outubro de 2024, instituiu-se um Novo Acordo de Repactuação, conhecido como Acordo de Mariana, homologado pelo STF, o qual deu nova visibilidade ao acontecimento do rompimento da BRF, reavivando o seu processo de semiotização nas esferas midiática, empresarial, política, jurídica e civil/cidadã. O novo acordo foi assinado pelas empresas Samarco (responsável pela barragem do Fundão), Vale (brasileira) e BHP Billiton (anglo-australiana), que controlam a Samarco; pela Advocacia-Geral da União (AGU), governadores de Minas Gerais e Espírito Santo, Procuradoria-Geral da República (PGR) e Defensoria Pública da União; Ministérios Públicos de MG e do ES e Defensorias Públicas dos dois estados, destinando R\$ 132 bilhões em dinheiro novo para ações de reparação e compensação.

<sup>2</sup> Em linhas gerais, a Revista Fórum se apresenta como uma mídia alternativa de 'esquerda', considerando-se um espectro político-ideológico 'convencional' que reconhece como válido o gradiente que vai da extrema-esquerda à extrema-direita.

de modo a validar a orientação argumentativa de seu discurso e a construção dialógica do seu *ethos* de líder comunitária.

## 1 Práticas discursivas dialogais, monologais e dialogismo na argumentação

É amplamente conhecida e discutida a relação entre práticas discursivas de caráter dialogal e monologal. As práticas dialogais são geralmente caracterizadas como gêneros propriamente interlocutivos ou interacionais, em que ocorre a troca de enunciações que efetivam a participação alternada dos interlocutores em seus respectivos turnos de fala, ou ainda, em seus devidos papéis comunicacionais. A conversação, a sabatina, o debate e, entre muitos outros, a entrevista, objeto de nossa análise, são gêneros que ilustram esse tipo de prática discursiva. Em contraposição, as práticas monologais são constituídas por gêneros em que um sujeito/locutor (individual ou coletivo) desenvolve o seu discurso sob a forma de uma intervenção contínua, oral ou escrita, geralmente planejada, em termos do seu encadeamento enunciativo-textual. O editorial, o artigo de opinião, a matéria jornalística, a publicidade, a conferência, o pronunciamento oficial, entre tantos outros, são gêneros que exemplificam essa forma de prática discursiva.

Certamente, a argumentação está presente, com maior ou menor grau, nas práticas tanto dialogais quanto monologais, manifestando-se de formas diferentes segundo a finalidade de cada gênero e as estratégias discursivas utilizadas na sua construção. Muitos autores se dedicaram a uma reflexão sobre o caráter constitutivo da argumentação nos mais variados gêneros, dialogais e monologais. Destacamos, inicialmente, o seguinte comentário de Plantin (2008, p.18):

Argumentar é uma atividade biface que se exerce sobre um fundo de tensão irreduzível entre monólogo e diálogo, entre trabalho enunciativo e trabalho interacional. [...] É uma realidade de ordem antropolinguística: é difícil imaginar uma sociedade sem uma pluralidade de interesses às vezes contraditórios. A argumentação é um modo de tratar essas divergências. [...] Além disso, deve-se caracterizar os discursos não como sendo ou não argumentativos, mas como sendo mais ou menos. O lugar dado à palavra do outro é um elemento determinante do grau de argumentatividade de um texto, que corresponde a um traço, um descritor utilizável para a descrição dos gêneros discursivos. (Plantin, 2008, p.18)

Não obstante a importância da relação entre discursos monologais e dialogais, o mais relevante diz respeito ao princípio do dialogismo como constitutivo de quaisquer práticas de linguagem, considerando-se, especialmente, a sua estreita

articulação com a argumentação. É nessa perspectiva que Plantin enfatiza a natureza ‘biface’ da argumentação, assumindo um posicionamento categórico sobre a primazia da argumentação dialógica.

Com efeito, a noção de dialogismo apresenta um alcance bastante amplo em termos do seu escopo conceitual, além de assumir uma complexidade considerável relativa às diferentes abordagens em que é utilizada, seja como categoria teórica, seja como categoria de análise. Há um consenso acerca do fato de que o dialogismo está relacionado à problemática da alteridade e da interdiscursividade, no sentido de que qualquer enunciado comporta traços da relação entre o eu e o(s) outro(s), sendo apenas um elo da corrente ininterrupta da interação verbal na sociedade. A paternidade dessa noção é consensualmente atribuída a Bakhtin e seu círculo (em que se destacam autores como Volóchinov e Medvedev), cujas obras balizam o conceito de dialogismo, a exemplo do seguinte excerto:

A relação existente entre as réplicas de tal diálogo [o diálogo real (conversa comum, discussão científica, controvérsia política, etc.)] oferece o aspecto externo mais evidente e mais simples da relação dialógica. Não obstante, a relação dialógica não coincide de modo algum com a relação existente entre as réplicas de um diálogo real, por ser mais extensa, mais variada e mais complexa. (Bakhtin, 1997, p. 354)

Sem desconsiderar a relevância e a produtividade do princípio do dialogismo no vasto campo dos estudos discursivos, destacamos aqui as aproximações significativas entre o dialogismo e a argumentação. Recuperamos, por exemplo, a formulação, mencionada acima, de Plantin, que define a “situação argumentativa típica como o desenvolvimento e o confronto de pontos de vista em contradição, em resposta a uma mesma questão (Plantin, 2008, p. 64). Assim, o autor considera que o discurso argumentativo prototípico consiste na interação entre sujeitos que defendem posicionamentos contrapostos (respostas divergentes) acerca de um dado problema (que pode ser expresso sob a forma de uma pergunta)<sup>3</sup>. Nas palavras de Plantin (2011, p. 17):

Segundo a abordagem adotada aqui, uma dada situação linguageira começa a se tornar argumentativa quando manifesta uma oposição de discursos. A interação é totalmente argumentativa no momento em que essa diferença é

---

<sup>3</sup> Essa abordagem converge, em certos aspectos, com a proposta de Michel Meyer, que defende uma concepção da linguagem segundo a qual o fundamento de toda prática discursiva pode ser traduzido, em última análise, pela relação entre questão (problema) e resposta (solução). Segundo este último autor, essa relação, chamada de diferença problematológica, está na fonte da linguagem, na medida em que ela responde à problemática humana, da qual a interação dialógica é uma dimensão essencial (Meyer, 1981).

problematizada em uma Questão, e que se extraem claramente os três papéis actanciais de Proponente (que apoia plenamente uma Proposição), de Opositor (que rejeita essa Proposição) e de Terceiro (que se questiona sobre ela). (Plantin, 2011, p.17)

Nesse caso, estamos diante de um tipo de situação dialógica (podendo ser também dialogal) que coloca em cena vozes dissonantes/opostas, sendo que cada sujeito se esforça por fazer valer o seu posicionamento sobre o do seu oponente. A propósito, cabe lembrar que o autor estabelece uma distinção entre os papéis actanciais argumentativos (proponente, oponente e terceiro) e os atores da comunicação argumentativa (Plantin, 2011, p. 18). Como sujeitos empíricos engajados na interação, os atores podem ocupar os três papéis actanciais argumentativos em diferentes momentos da argumentação, assim como um mesmo papel actancial pode ser desempenhado por diferentes atores numa situação argumentativa.

Sabemos que as situações argumentativas apresentam muitas variações que se diferenciam do tipo de situação prototípica referida por Plantin, em função da diversidade e complexidade dos gêneros que circulam nas diferentes esferas de atividade da sociedade contemporânea. Nesse sentido, a formulação da noção de papéis actanciais argumentativos por Plantin (2011) – para quem a argumentação é linguageira, situada, afetiva e problematizante – pode contribuir para esclarecer o funcionamento complexo das relações argumentativas estabelecidas entre os sujeitos nas diversas práticas de linguagem em que se inserem.

A título de exemplificação, podemos pensar num gênero como o debate (político, midiático etc) como uma prática tipicamente argumentativa em que os atores/debatedores assumem os respectivos papéis de ‘proponente’ e ‘opponente’ acerca de uma dada questão (problema). A figura do ‘terceiro’ pode ser representada pelo mediador e, sobretudo, pelo auditório que acompanha o debate<sup>4</sup>. Se compararmos o debate com uma sabatina em período eleitoral, esta última tende a configurar-se como uma situação tipicamente argumentativa, em que, eventualmente, o(a) jornalista e o(a) candidato(a) podem assumir os papéis actanciais de ‘proponente’ e ‘opponente’, sendo o público o ‘terceiro’ actante nesse dispositivo. Chegando ao gênero que nos interessa em termos de nosso objeto de

---

<sup>4</sup> Os estudos pragmáticos conversacionais e/ou sociointeracionais, a exemplo das formulações de Goffman e Kerbrat-Orrechioni, problematizam a complexidade das situações de comunicação, que extrapolam o padrão dialogal, podendo assumir formatos trilógicos ou multilógicos, dependendo da especificidade do dispositivo comunicacional das práticas discursivas analisadas.

análise, qual seja, a entrevista, podemos dizer que esta prática de linguagem apresenta semelhanças e diferenças com o debate e com a sabatina, mas, no caso da entrevista, pensamos que não se trata necessariamente de uma prática tipicamente argumentativa, até porque o gênero entrevista comporta um gradiente de ‘subgêneros’ conforme a especificidade da esfera de atividade social em que se insere e da sua finalidade comunicativa.

Com efeito, a entrevista jornalística que escolhemos como objeto de análise, embora não se enquadre numa situação (proto)tipicamente argumentativa, apresenta uma dimensão argumentativa significativa, de modo que a já referida convergência de posicionamentos entre o entrevistador (jornalista) e a entrevistada (líder comunitária) nos leva a pensar que ambos assumem o papel actancial de ‘proponente’, projetando como ‘oponente’ as empresas mineradoras e a própria justiça brasileira, como veremos com mais detalhes à frente. Sobretudo, o leitor desempenha, neste caso, o papel actancial de ‘terceiro’, sendo também o destinatário último da própria entrevista.

## **2 Da intenção argumentativa à dimensão argumentativa: emergência de pontos de vista (PDVs) e construção dialógica do *ethos***

É relevante retomarmos a formulação de Amossy (2020) acerca da relação entre o que autora chama de ‘intenção argumentativa’ e de ‘dimensão argumentativa’, noções que são postuladas mais em termos de um gradiente (*continuum*) do que de uma oposição estanque entre ‘intenção’ e ‘dimensão’ argumentativas. Nas palavras da autora:

Nessa perspectiva dialógica, a argumentação está, pois, a priori no discurso, na escala de um continuum que vai do confronto explícito de teses à co-construção de uma resposta a uma dada questão e à expressão espontânea de um ponto de vista pessoal. [...] É preciso, ainda, para evitar confusões, distinguir entre a intenção e a dimensão argumentativa. Mesmo que, por sua natureza dialógica, o discurso comporte, como qualidade intrínseca, a capacidade de agir sobre o outro, de influenciá-lo, é preciso diferenciar entre a estratégia de persuasão programada e a tendência de todo discurso a orientar os modos de ver do(s) parceiro(s). (Amossy, 2018, p. 131)

Nesse sentido, gêneros como o debate político e o anúncio publicitário apresentam uma intenção argumentativa que lhes é inerente, enquanto uma reportagem jornalística e um conto literário comportam (apenas) uma dimensão argumentativa, pois estes últimos gêneros não teriam, a princípio, um objetivo

persuasivo explícito e direto. Essa distinção é bastante fecunda, mas gostaríamos de problematizá-la (sem descartá-la) na análise do objeto que nos interessa, porque a entrevista a ser analisada parece se inserir num limite tênue, ou ainda, numa zona de interseção entre a intenção e a dimensão argumentativas.

Com vistas a contemplar de forma mais efetiva a complexidade enunciativa e argumentativa presente no objeto de análise em questão, passaremos a uma articulação de aspectos das formulações de Plantin (2008, 2011, 2025) e de Amossy (2005, 2011, 2018), mencionadas acima, com algumas categorias oriundas da teoria dos pontos de vista (PDVs), proposta por Rabatel (2013, 2025). Essa proposta de articulação se mostra oportuna, porque tanto o caráter biface da argumentação, com seus papéis argumentativos, quanto a tensão entre dimensão argumentativa e intenção argumentativa, presentes na entrevista objeto de nossa análise, estabelecem uma relação pertinente e esclarecedora com uma análise das instâncias dos locutores e dos enunciadores, que caracterizam a emergência de pontos de vista (PDVs) distintos nessa prática discursiva. Essa discussão permitirá, em seguida, abordar de forma mais efetiva a construção dialógica do *ethos* no objeto em questão.

A teoria dos PDVs (Rabatel, 2013, 2025) remonta às teorias da enunciação de Benveniste (1989) e Ducrot (1987), as quais são problematizadas, com vistas a um aprimoramento/refinamento da análise das dimensões modal e dêitica dos enunciados numa perspectiva enunciativa e pragmática. Segundo o autor:

Em sua forma mais geral, o PDV define-se pelos meios linguísticos pelos quais um sujeito considera um objeto, em todos os sentidos do termo considerar, quer o sujeito seja singular ou coletivo. Quanto ao objeto, ele pode corresponder a um objeto concreto, certamente, uma situação, uma noção ou um acontecimento, porque, em todos os casos, trata-se de objetos de discurso. (Rabatel, 2013, p. 30)

A partir do desdobramento (distinção) já conhecido entre locutor e enunciador (Ducrot, 1987), o autor apresenta um conjunto de categorias que buscam hierarquizar as instâncias enunciativas em função desse binômio Locutor/enunciador, afirmando que “todo PDV é assumido, seja diretamente, por um locutor/enunciador primeiro, seja indiretamente, por um locutor/enunciador segundo (intratextual), seja, ainda, por um enunciador segundo não locutor.” (Rabatel, 2013, p.82). Nessa perspectiva, o autor distingue: **L1/E1**: locutor/enunciador primário (principal) – assim como **L2/E2**, **L3/E3** em situações interacionais dialogais ou mais complexas; (ii) **l2/e2**, **l3/e3** etc.: locutores/enunciadores encaixados (citados) que atualizam formas de sujeitos modais, como centros de perspectivas (a exemplo do discurso relatado e das falas de

personagens); e ainda: **e2**, **e3** etc.: enunciadores (embrionários), enquanto instâncias na origem de PDVs, não configurando, necessariamente, locutores encaixados.

Essa hierarquização das instâncias enunciativas nos parece ser mais adequada para analisar a entrevista que assumimos como objeto, levando em consideração não apenas a sua estrutural interacional dialogal, mas também a emergência de locutores segundos e de enunciadores embrionários intratextuais cujos PDVs são geridos ao longo da própria entrevista. Podemos dizer que o entrevistador constitui um Locutor 1 (L1/E1), enquanto a entrevistada configura um Locutor 2 (L2/E2). A partir da interação entre esses dois Locutores, diferentes vozes e pontos de vista são agenciados no desenvolvimento da prática de linguagem em questão, evidenciando a sua complexidade argumentativa.

A propósito, cabe destacar outras noções importantes formuladas pelo autor em função dessa proposta de hierarquização enunciativa. Trata-se dos conceitos de Responsabilidade Enunciativa e de Imputação, que são relevantes para a nossa análise. Nas palavras de Rabatel (2013, p.88):

Nossa reflexão sobre as diferentes variedades de responsabilidade enunciativa (RE), em função das instâncias, incita-nos a distinguir, de uma parte, a RE, para os conteúdos proposicionais que o locutor/enunciador primeiro (L1/E1) assume por sua conta [...], e de outra, a imputação, para os conteúdos proposicionais que L1/E1 atribui a um enunciador segundo (e2). (Rabatel, 2013, p.88)

Nesses termos, quando L1/E1 imputa um PDV a um locutor/enunciador intradiscursivo, é relevante distinguir se essa imputação é argumentativamente coorientada, antiorientada ou (supostamente) neutra em relação ao PDV do próprio Locutor (L1/E1). Com efeito, a imputação suscita uma tensão relativa à responsabilidade enunciativa, uma vez que, sendo construída pelo Locutor primeiro e atribuída por ele a um locutor/enunciador segundo, este último, ao assumir a enunciação (como L2/E2, por exemplo) pode alegar que não é responsável por um PDV que L1/E1 imputou-lhe (injustamente). Vamos retomar essas noções no desenvolvimento da análise do nosso objeto mais à frente. Por enquanto, vamos apenas pontuar em que medida tais formulações são pertinentes para uma abordagem da complexidade da construção dialógica do *ethos* na entrevista em questão, conceito que discutiremos a seguir.

Não obstante reconhecermos a grande relevância de toda a produção de conhecimento sobre a noção de *ethos*, desde a retórica clássica, é necessário

operarmos um recorte pertinente ao escopo teórico e analítico aqui proposto. Recorremos, pois, a algumas abordagens inscritas nos estudos contemporâneos do discurso e da argumentação, a exemplo de autores como Amossy (2005, 2011, 2018), Plantin (2008, 2011, 2025) e Rabatel (2013, 2025), já citados na nossa fundamentação teórica. Podemos integrar ainda a esse conjunto de autores a formulação de Maingueneau (2008, 2020), a qual possibilita construir uma síntese fecunda para a nossa análise.

A justificativa da proposta de construção dessa síntese pode se baseada no fato de que tais autores convergem em aspectos centrais do balizamento da noção de *ethos* numa perspectiva discursivo-argumentativa, como imagem de si que o locutor constrói através de seu discurso, acrescentando contribuições específicas e pontuais em suas respectivas abordagens. Um elemento de convergência presente nas obras desses autores, que, inclusive, citam-se uns aos outros (mutuamente), diz respeito ao reconhecimento de três instâncias de manifestação do *ethos*: a do *ethos* discursivo (mostrado), a do *ethos* prévio (pré-discursivo) e a do *ethos* dito (tematizado)<sup>5</sup>.

É interessante destacar que tais autores, ao fazerem essa distinção, retomam a famosa distinção que Ducrot (1987, p.201) faz entre L (locutor enquanto responsável pela enunciação) e  $\lambda$  (locutor enquanto ser do mundo), dizendo que o *ethos* deve ser vinculado ao locutor (L), ou seja, ao *ethos* discursivo (mostrado) construído através da enunciação. Em linhas gerais, não obstante a primazia conferida a essa instância do *ethos*, todos os autores admitem a existência de uma instância relacionada às expectativas sobre a posição sócio-institucional ocupada previamente pelo locutor antes mesmo de enunciar, bem como de uma instância relacionada ao que o locutor diz de si mesmo no próprio enunciado. Maingueneau (2020, p. 12) sintetiza essa concepção nas seguintes palavras: “o *ethos* efetivo de um enunciador resulta, então, da interação entre seu *ethos* prévio, seu *ethos* discursivo (mostrado) e os fragmentos do texto no qual ele evoca sua própria personalidade (*ethos* dito)”.

Um dos aspectos da formulação deste último autor sobre o *ethos*, que caracteriza a especificidade de sua abordagem e nos interessa discutir na análise do nosso objeto é a noção de incorporação, bastante fecunda e operacional. Nas palavras de Maingueneau (2020, p.13):

---

<sup>5</sup> Ver Amossy (2005, 2011, 2018), Plantin (2025), Rabatel (2013) e Maingueneau (2020)

Propus designar com o termo “incorporação” o processo pelo qual o destinatário – ouvinte ou leitor – se apropria desse *ethos*. Efetivamente, essa “incorporação” pode se dar em três planos:

- a enunciação da obra confere uma “corporalidade” ao fiador, ela lhe dá corpo;
- o destinatário incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se remeter ao mundo habitando seu próprio corpo;
- essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo da comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso. (Maingueneau, 2020, p.13)

Essa concepção “encarnada” do *ethos*, que considera a presença da experiência sensível na comunicação verbal (oral ou escrita), aponta claramente para o jogo de projeções estabelecidas entre os interlocutores na construção etótica, estabelecendo uma correlação intrínseca com a dimensão do *pathos*, em termos dos efeitos de sentido relativos às emoções envolvidos nesse jogo de projeções. Além disso, esse processo envolve, ao longo do desenvolvimento sintático-discursivo do texto, que remete também ao seu *logos*, a ativação de um conjunto de representações estereotípicas associadas ao comportamento e ao modo de vida de uma determinada comunidade, da qual o locutor, por meio do seu *ethos*, se faz “fiador”.

A entrevista em questão, cuja análise propriamente dita faremos em seguida, é bastante ilustrativa do jogo de projeções constitutivo da construção dialógica do *ethos*, a qual busca estabelecer uma relação patêmica de empatia entre os interlocutores (entrevistador, entrevistada e leitor), através da atualização das próprias convenções linguístico-enunciativas típicas do *logos* do gênero entrevista.

### 3 Análise (de excertos) da entrevista:

#### 3.1 *Ethos*, dialogização interna e discurso relatado

Iniciamos nossa análise destacando o fato de que o jornalista/entrevistador inicia o texto com uma citação destacada da fala da entrevistada, para em seguida, fazer um resumo da própria entrevista realizada. Esse ato de linguagem coloca em cena uma complexidade enunciativa e argumentativa constitutiva de sua construção dialógica, que incide diretamente sobre a questão do *ethos*. Apresentamos, de início, o título da e o subtítulo da matéria/entrevista:

Excerto 1

**(L1/E1) Mariana (MG): “Nós, atingidos pelo crime da Samarco/Vale/BHP, não acreditamos na justiça brasileira”**

Simone Silva, de 46 anos, é liderança da comunidade quilombola de Gesteira, a 60km da Barragem do Fundão; (l2/e2) Ela falou com exclusividade sobre os últimos 8 anos de luta e denunciou o *racismo ambiental* sofrido pelo seu povo

Assumimos, de início, que a Revista Fórum, na figura do jornalista entrevistador assume o estatuto de L1/E1 cuja enunciação é delocutiva (em 3ª pessoa). No título, o nome próprio “Mariana (MG)” já inicia o texto indiciando deiticamente o lugar onde ocorreu o problema/acontecimento do rompimento da barragem de Fundão, qual seja, na cidade de Mariana, na chamada Região dos Inconfidentes em Minas Gerais. Em seguida, temos um enunciado relatado direto (entre aspas) na primeira pessoa do plural, cujo sujeito “Nós” – especificado pela expressão apositiva “atingidos pelo crime da Samarco/Vale/BHP” – tem como predicado uma negação polêmica – “não acreditamos na justiça brasileira”. Percebemos, logo no título, a síntese da complexidade do nosso objeto de análise.

Assim, o enunciado relatado no título é imputado à líder comunitária, que emerge como l2/e2, isto é, como locutor encaixado, que se projeta como um enunciador coletivo o qual, além de pressupor a denúncia do “crime da Samarco/Vale/BHP”, nega a crença na justiça brasileira, que é também, portanto, criticada. Esta negação, por sua vez, pressupõe um enunciador relacionado à *doxa* da ‘crença na justiça brasileira’, instaurando uma dupla polêmica com as empresas mineradoras e contra a justiça brasileira. Em outras palavras, temos nesse enunciado/título a projeção de um *ethos* identitário (de atingido por rompimento de barragem) como imagem de si, e a projeção de imagens dos outros enunciadores, seja como criminoso (e3), no caso das empresas mineradoras, seja como não confiável (e4), no caso da justiça brasileira. Estas últimas, empresas e justiça, avultam como enunciadores cujos pontos de vista (PDVs) estão antiorientados em relação ao enunciado relatado do proponente l2/e2, representando o papel argumentativo de oponente.

Na sequência, L1/E1 apresenta no subtítulo da entrevista uma descrição sumarizada da entrevistada – “Simone Silva, de 46 anos, é liderança da comunidade quilombola de Gesteira, a 60km da Barragem do Fundão” – para, em seguida, recorrer novamente ao discurso relatado, instanciado pelos verbos *dicendi* “falou (sobre os últimos oito anos de luta)” e *ilocucionário* “denunciou (o racismo ambiental sofrido pelo seu povo)”. Vale notar que a escolha da modalidade ilocucional indicia também

um ponto de vista e uma responsabilidade enunciativa (RE) assumidos por L1/E1, que, desde o início, apresenta um ponto de vista (PDV) coorientado em relação ao PDV de L2/E2, cuja referência ao “racismo ambiental” constitui a utilização de um tipo de fórmula<sup>6</sup> a qual sintetiza os crimes sofridos pela comunidade atingida em questão, traduzindo um ponto de vista (PDV) dos atingidos, assumido pela líder entrevistada.

### 3.2 Ethos imputado, sumarização e enquadramento

Excerto 2

(L1/E1) ‘Garra’, essa é a palavra que define **Simone Silva**, de 46 anos. **Liderança da comunidade quilombola, ribeirinha e indígena da Gesteira**, em Barra Longa, a 60 km da Barragem do Fundão - a mesma que gerida pelas mineradoras Vale, Samarco e BHP Billiton, em Mariana (MG), rompeu em 5 de novembro de 2015 gerando um colossal tsunami de lama tóxica que varreu centenas de quilômetros ao longo da bacia do Rio Doce. Ela viu sua comunidade ser completamente destruída após o episódio.

(L2/E2) **Ela contou** em detalhes todas as tragédias pelas quais está passando nesses últimos 8 anos e **declara, com todas as letras**, que não confia na Justiça brasileira e em seu suposto processo de reparação às vítimas.

**Como argumento, cita** o caso da própria comunidade da Gesteira. O local foi totalmente destruído pela lama, no ato do crime ambiental - “não sobrou nada para contar história”, diz Simone.

O excerto (2) apresenta uma característica significativa da perspectiva da análise do *ethos*, bem como da relação entre dimensão argumentativa e intenção argumentativa. Primeiramente, L1/E1 faz uma sumarização da entrevista e, por conseguinte, do *ethos* da líder comunitária entrevistada. Com efeito, o primeiro enunciado do excerto é introduzido pela palavra “Garra”, utilizada pelo próprio entrevistador como “palavra que define Simone Silva, de 46.” Ora, estamos diante de um fenômeno que podemos chamar de *ethos* imputado à entrevistada, na medida em que o entrevistador atribui a ela um caráter, um traço etótico que se traduz pela garra. A propósito, Rabatel (2013) aponta para o fato de que o *ethos* não se limita somente a construção da imagem de si, mas ele concerne também à construção no discurso da imagem do outro, seja aquele de quem se fala e que não responde por estar ausente, seja aquele a quem se endereça e busca-se influenciar as respostas

---

<sup>6</sup> Ver Krieg-Planque (2010), para quem a fórmula é uma categoria teórico-metodológica que apresenta algumas propriedades: (a) é uma forma significativa cristalizada relativamente estável; (b) tem um caráter discursivo definido pelo seu uso; (c) apresenta um referente social recorrente num dado espaço sociopolítico; (d) possui uma natureza polêmica relacionada aos embates/relações de força política na sociedade.

pela imagem que se constrói dele. No nosso caso, o entrevistador L1 se dirige ao leitor, resumindo a entrevista com vistas a apresentar a entrevistada, conferindo-lhe um *ethos*, antes mesmo que o leitor tenha acesso à entrevista propriamente dita. L1 prossegue seu relato descrevendo a entrevistada, de modo a enquadrar o seu *ethos* prévio – “Liderança da comunidade quilombola, ribeirinha e indígena da Gesteira, em Barra Longa, a 60 km da Barragem do Fundão”.

L1/E1 continua a sumarização da entrevista descrevendo o rompimento da Barragem de Fundão como “um colossal tsunami de lama tóxica que varreu centenas de quilômetros ao longo da bacia do Rio Doce”, para dizer, em seguida, que “Ela viu sua comunidade ser completamente destruída após o episódio”. Há claramente nos enunciados acima um grau de dramatização que resulta no estabelecimento de uma relação empática com a entrevistada, cujo ponto de vista (PDV) é valorizado positivamente no relato. Vale a pena pontuarmos aqui a formulação de Rabatel (2025) acerca da noção de empatia:

É por isso que eu proponho uma reformulação explícita da definição de empatia (“se colocar no lugar dos outros”) que seja explorável linguisticamente. Se a empatia é, de fato, de natureza projetiva, e se buscamos declinar os componentes cognitivo-linguísticos desse descentramento imaginativo, diremos que a empatia, em sua versão linguística, consiste em se colocar no lugar dos outros, em considerá-los do seu ponto de vista o que eles podem perceber (do lugar onde eles estão), sentir, pensar, dizer, fazer... (Rabatel, 2025, p. 71)

Nesses termos, a empatia é abordada por este último autor através de sua teoria dos pontos de vista (PDV), de modo que a relação empática consiste em projetar-se no ponto de vista dos outros, especialmente através de estratégias de modalização desse ponto de vista. Na entrevista analisada, o entrevistador reporta empaticamente não apenas a percepção da entrevistada, “Ela viu sua comunidade ser completamente destruída após o episódio”, mas também o seu discurso, ou seja, o seu dizer e o seu fazer.

Isso pode ser ilustrado através dos enunciados seguintes do Excerto 2, quais sejam: “Ela contou em detalhes todas as tragédias pelas quais está passando nesses últimos 8 anos e declara, com todas as letras, que não confia na Justiça brasileira e em seu suposto processo de reparação às vítimas”; e “Como argumento, cita o caso da própria comunidade da Gesteira. O local foi totalmente destruído pela lama, no ato do crime ambiental – ‘não sobrou nada para contar história’, diz Simone”.

Em linhas gerais, essa estratégia é recorrente nesse tipo de entrevista, em que o entrevistador figura como uma espécie de sobrenunciador que assume um ponto de vista coorientado em relação à entrevistada. Ao utilizar novamente o discurso indireto reportando e modalizando o ponto de vista de l2/e2, L1/E1 salienta dois componentes constitutivos do discurso da entrevistada. A narração, na medida em que a entrevista é baseada na discursivização da experiência vivida pela líder entrevistada, que produz uma narrativa de si, subjetivando-se e construindo a sua identidade, a exemplo da expressão presente no primeiro enunciado acima “ela contou em detalhes [...] e declara, com todas as letras[...]”. E a argumentação, que também se faz presente de forma bastante significativa. Ao narrar as suas experiências sobre o evento do rompimento e seus desdobramentos, esse sujeito (a líder entrevistada) se posiciona argumentativamente e busca influenciar o ouvinte/leitor acerca da validade do discurso que engendra, a exemplo da expressão presente no segundo enunciado acima, “Como argumento, cita o caso da comunidade de Gesteira[...]”. Com efeito, L1/E1 utiliza estrategicamente o discurso direto para concluir a sumarização e o enquadramento do *ethos* de l2/e2, “‘não sobrou nada para contar história’, diz Simone”. Decerto, na articulação entre a narratividade e a argumentatividade constitutivas do discurso da entrevistada, produz-se uma tensão dinâmica no gradiente que vai da dimensão argumentativa à intenção argumentativa (Amossy, 2020), de modo que a entrevista em questão se desenvolve numa espécie de interseção entre esses dois polos, com o predomínio de um ou outro em diferentes momentos.

### 3.3 Ethos dialogal, memória e identidade

Excerto 3

**(L1/E1) Revista Fórum** – Como era a comunidade antes do crime? Antes daquele 5 de novembro de 2015?

**(L2/E2) Simone Silva** – A gente costumava dizer que era o “pedacinho do céu”. A minha família, por exemplo, era a mais unida que tinha ali naquela comunidade. Mesmo os filhos, netos e bisnetos estando fora, quando chegava o final de semana ou as datas comemorativas, todos vinham para a casa da minha avó. Dormíamos amontoados, um em cima do outro, ficávamos a noite inteira comemorando, fazendo churrasco, cantoria. E era muito, muito bom.

**A minha comunidade, da Gesteira, é uma comunidade quilombola, ribeirinha e indígena.** Ribeirinha porque estamos às margens do rio; quilombola porque somos remanescentes dos escravizados de João Gesteira; o coronel que ali oprimiu o povo negro; e indígena porque ali sempre foi área indígena e tem

peças na comunidade que são remanescentes dos povos indígenas que foram exterminados por Matias Barbosa, o colonizador de Barra Longa.

Chegamos agora a um momento importante de nossa análise, o qual diz respeito à apresentação da entrevista realizada com a estrutura dialogal típica do gênero e a participação dos sujeitos, jornalista da Revista Fórum e líder comunitária, nos seus respectivos papéis de entrevistador (L1/E1) e entrevistada (L2/E2). O primeiro aspecto que podemos salientar refere-se ao fato de a pergunta do jornalista tematizar/problematizar o modo de vida na comunidade antes do rompimento da Barragem de Fundão. Essa pergunta orienta a resposta da entrevistada para a (re)construção da sua memória e da sua identidade através do discurso, engendrando a emergência não só dialógica (constitutiva), mas também dialogal (relativa ao gênero) do *ethos*.

Nesse sentido, a líder entrevistada (L2/E2) assume uma enunciação coletiva, definindo metaforicamente a vida na comunidade – “A gente costumava dizer que era o ‘pedacinho do céu’” –. Assim, logo no início da entrevista, Simone Silva, ao assumir a responsabilidade enunciativa de seu discurso (RE), o faz a partir de um ponto de vista (PDV) comunitário como fiador(a) e porta-voz da comunidade de Gesteira, a exemplo da expressão “A gente costumava dizer [...]”. Na sequência, ela faz um relato da vida familiar na comunidade como um exemplo – “A minha família, por exemplo, era a mais unida que tinha ali naquela comunidade” – para, em seguida, descrevê-la como quilombola, ribeirinha e indígena. Nesse ponto, podemos dizer que a entrevistada constrói concomitantemente o seu *ethos* discursivo (mostrado) e dito (tematizado) ativando estereótipos éticos da sua comunidade. E mais, a líder explica didaticamente a historicidade dessas representações estereotípicas, ao afirmar que a comunidade é “Ribeirinha”, por estar “às margens do rio”; “quilombola” por serem “remanescentes dos escravizados de João Gesteira”; e “indígena”, pois “são remanescentes dos povos indígenas que foram exterminados por Matias Barbosa”. Isso nos remete à formulação de Maingueneau, quando diz sobre o processo de incorporação:

Esse processo vai além de uma simples identificação com um enunciador fiador, ela implica um mundo ético, do qual o fiador é parte integrante e ao qual ele dá acesso. [...] Esse mundo ético é uma constelação de representações agregadora de certo número de situações estereotípicas associadas a comportamentos (Maingueneau, 2020, p.15)

No excerto acima, predominam claramente as sequências narrativas, de modo que percebemos a presença de uma dimensão argumentativa num grau muito maior

do que a de uma intenção argumentativa, que não se mostra explicitamente nesse momento.

### 3.4 Ethos de resistência, trauma e reconstrução identitária

Excerto 4

**(L1/E1) Revista Fórum** – Quem é a Simone Silva, atingida pelo crime das mineradoras Vale, Samarco e BHP Billiton, em Minas Gerais?

**(L2/E2) Simone Silva** - Eu sou atingida pelo crime da (e3) Vale, Samarco e BHP Billiton. Sou de Barra Longa e tive a minha comunidade inteira varrida do mapa assim como Bento Rodrigues e Paracatu. Embora o povo não fale muito sobre isso, a minha cidade foi a única que teve o centro urbano destruído pela lama. **Sou mãe de Sofia, uma das crianças contaminadas pelos metais tóxicos. Costumo dizer que a Simone de antes de 5 de novembro de 2015 só existe nas lembranças e na fotografia. Porque nós precisamos, por conta do crime, nos transformar, mudar. A gente estava no processo de lagarta e, do nada, tivemos que evoluir para borboleta. Não deu nem tempo de fazer aquela metamorfose do casulo porque o processo foi muito violento.** Tivemos que nos fortalecer enquanto comunidade para lutar pelos nossos direitos. Toda a história, tudo que tinha ali, foi embora. Não sobrou nada. As origens e a identidade anteriores se perderam. Porque um povo quando há um rompimento dessa magnitude, ele perde o seu rio, o seu território e também a sua identidade.

No excerto 4, a pergunta do jornalista L1/E1 incide justamente sobre o *ethos* de atingida da entrevistada L2/E2 (Simone Silva) – “Quem é a Simone Silva, atingida pelo crime das mineradoras [...]” –, pressupondo que houve crime e assumindo a responsabilidade enunciativa sobre essa proposição. A entrevistada L2/E2 reitera a sua identidade de atingida pelo crime das mineradoras, que emergem como um enunciador (e3) no papel argumentativo de oponente de L2, a qual enfatiza que a sua “cidade foi a única que teve o centro urbano destruído”. A parte mais significativa da resposta é o relato da líder sobre a sua filha (Sofia), “uma das crianças contaminadas pelos metais tóxicos”. Sobretudo, a líder relata a transformação da sua identidade, a partir do rompimento da Barragem de Rejeitos de Fundão e do adoecimento da filha – “Costumo dizer que a Simone de antes de 5 de novembro de 2015 só existe nas lembranças e na fotografia”.

Ao argumentar sobre a necessidade de se transformar por causa do crime, L2/E2 utiliza uma metáfora bastante potente argumentativamente, emergindo como uma estratégia retórica com alto grau de dramatização, que sintetiza a necessidade de mudança radical da comunidade e de sua identidade – “A gente estava no processo

de lagarta e, do nada, tivemos que evoluir para borboleta. Não deu nem tempo de fazer aquela metamorfose do casulo porque o processo foi muito violento” –. Podemos perceber a construção de um *ethos* coletivo ao mesmo tempo discursivo (mostrado) e dito (tematizado) pela entrevistada. O relato aumenta em dramaticidade à medida que a entrevistada diz (tematiza) e ao mesmo tempo projeta (mostra) um *ethos* de resistência da sua comunidade – “Tivemos que nos fortalecer enquanto comunidade para lutar pelos nossos direitos” –, dizendo que “toda história foi embora, [...] Não sobrou nada”. O final da resposta é especialmente significativo na argumentação patêmica da entrevistada, que afirma categoricamente a experiência traumática vivida – “As origens e a identidade anteriores se perderam. Porque um povo quando há um rompimento dessa magnitude, ele perde o seu rio, o seu território e também a sua identidade” –. Cabe ressaltar que o grau de argumentatividade da entrevista aumenta ao longo do seu desenvolvimento e se aproxima do já mencionado ponto de interseção entre a dimensão argumentativa (ainda predominante) e a intenção argumentativa (que se deixa mostrar).

### 3.5 Ethos de militância e auto-organização popular

Excerto 5

(L1/E1) **Revista Fórum** – Temos notado que apesar das injustiças, essa auto-organização popular, tanto para fazer a luta como para organizar o cotidiano das comunidades atingidas, tem dado muita força a vocês. Pode comentar a respeito?

(L2/E2) **Simone Silva** – A gente não acredita mais na (e4) Justiça brasileira e está com esperança em relação à ação que corre em Londres. **Hoje sou militante do (e5) MAB. Quando eu me vi no processo de injustiça, quando a minha filha ficou doente, não sabia o que fazer.** Porque a gente é ensinado assim, a depender de políticos, principalmente a gente que vem de comunidades em cidades pequenas. [...] Então quando a minha filha ficou doente, quando eles começaram a retirar a lama da praça, da cidade e trazer aqui para o alto do morro, comecei a brigar... Quando eu vi que nada aconteceria, graças a Deus, o **MAB** chegou aqui na região.

(e5) O **MAB** nos fortaleceu e nos mostrou que era possível reconstruir a nossa história. Que era possível fazer luta. O **MAB** foi a base para a gente aqui e ainda é. Se a gente tem essa auto-organização é porque nós aprendemos com o **MAB** a militar e a caminhar. O **MAB**, eu costumo dizer, trouxe luz e esperança.

O quinto e último excerto que analisaremos é o que apresenta o maior grau de argumentatividade, o qual é motivado (pelo menos em parte) pela própria pergunta de L1/E1 (entrevistador), que orienta a resposta de L2/E2 (entrevistada) justamente

para que esta comente sobre a capacidade de auto-organização popular para fazer a luta e organizar o cotidiano das comunidades atingidas.

A resposta da líder L2/E2 retoma o título da matéria/entrevista (que foi ligeiramente alterado pelo próprio jornalista, pois a entrevistada utiliza a expressão “a gente”, substituída no título pelo pronome “nós”) refutando incisivamente o ponto de vista (PDV) de outro enunciador (e4), que se traduz pela justiça brasileira, cuja credibilidade é criticada por L2/E2, portanto trata-se de um PDV anti-orientado em relação a L2/E2. A líder comunitária afirma que a esperança da comunidade foi posta na “ação que corre em Londres”<sup>7</sup>, para destacar, na sequência, que é “militante do MAB” (Movimento de Atingidos por Barragens), que emerge como um enunciador (e5) cujo ponto de vista (PDV) é coorientado em relação ao de L2/E2. E mais, o MAB<sup>8</sup> avulta no final da entrevista com uma espécie de (hiper)enunciador responsável pela conscientização da comunidade, sendo mencionado seis vezes na resposta de L2/E2, que afirma que não sabia o que fazer quando a filha adoeceu e que as comunidades pequenas são ensinadas a “depende de políticos”. Nesse sentido, L2/E2 relata que (quando começaram a retirar a lama do centro da cidade e levar para o alto morro onde mora e a filha adoeceu) começou a brigar, dizendo “graças a Deus o MAB chegou na região”.

O último parágrafo da resposta é muito significativo da importância do MAB na transformação da entrevistada (L2) e na construção do seu *ethos* de militante e de liderança da comunidade de Gesteira, a exemplo da sequência de enunciado que se referem a esse papel do movimento: “O MAB nos fortaleceu e nos mostrou que era possível reconstruir a nossa história”, “O MAB foi a base para a gente aqui e ainda é”, “Se a gente tem essa auto-organização é porque nós aprendemos com o MAB a lutar e a caminhar. O MAB, eu costumo dizer, trouxe luz e esperança”. Fica claro que a líder comunitária atribui ao MAB a capacidade de auto-organização da comunidade (expressa pelo enunciado condicional acima) e pela própria construção do seu *ethos* de militante incorporado pela entrevistada na luta pelas causas e direitos

---

<sup>7</sup> A referida ação busca responsabilizar a BHP, acionista da Samarco ao lado da Vale, pelos danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão. O julgamento teve início em outubro de 2024, e os resultados são esperados para o segundo semestre deste ano de 2025.

<sup>8</sup> O MAB é definido como um movimento de caráter nacional, autônomo, de massa, de luta, com rostos regionais, sem distinção de cor da pele, gênero, orientação sexual, religião, partido político ou grau de instrução. Trata-se de uma organização com participação e protagonismo coletivo em todos os níveis, cujo objetivo é organizar os atingidos por barragens (antes, durante ou depois da construção dos empreendimentos).

da comunidade de Gesteira. O contraponto e a tensão estabelecida entre o PDV da justiça brasileira (criticado e anti-orientado) em relação ao da líder entrevistada e o PDV do MAB (enaltecido e coorientado) em relação ao desta última reforçam o aumento do grau de argumentatividade do discurso de Simone Silva (L2/E2), aproximando-o de uma intenção argumentativa mais efetiva.

### Considerações finais

Neste artigo, desenvolvemos uma análise da relação entre argumentação, dialogismo e pontos de vista, focalizando a construção dialógica do *ethos* de uma líder comunitária atingida pelo rompimento da Barragem de Fundão em Mariana, a partir de uma entrevista concedida à Revista Fórum. Abordamos primeiramente a presença do dialogismo na argumentação como um princípio constitutivo de quaisquer práticas discursivas, para, em seguida, comentar essa presença em práticas monológicas e dialógicas, com ênfase no gênero aqui analisado, a saber, a entrevista jornalística, e na relação entre os papéis argumentativos de proponente, oponente e terceiro (Plantin, 2011) no exemplar desse gênero aqui analisado.

Na sequência, discutimos a relação entre intenção argumentativa e dimensão argumentativa proposta por Amossy (2011, 2018) em termos de um gradiente que busca explicar a presença de graus de argumentatividade presentes em diferentes gêneros e práticas de linguagem. Formulamos a hipótese de que, no caso da entrevista que analisamos, existe uma tensão entre dimensão e intenção argumentativa, embora a primeira seja predominante na maior parte da entrevista, cujo grau de argumentatividade aumentou ao longo do texto, em função das perguntas (do entrevistador) e das respostas (da entrevistada).

Com vistas a aprofundarmos a discussão sobre a complexidade enunciativa da entrevista em questão, buscamos articular a proposta de Amossy à teoria dos pontos de vista de Rabatel (2013, 2025), cuja abordagem da hierarquização das instâncias enunciativas do(s) locutor(es) e do(s) enunciator(es) possibilitou uma análise mais efetiva da complexidade dialógica da argumentação na entrevista em questão.

Por fim, desenvolvemos uma investigação sobre a construção dialógica e dialogal do *ethos* da líder comunitária entrevistada, integrando as formulações dos autores já citados à elaboração de Maingueneau (2020) sobre o fenômeno de incorporação do *ethos*. Essa integração permitiu mostrar como a construção desse

*ethos* apresenta uma complexidade em termos das relações que se estabelecem entre a sumarização da entrevista pelo jornalista, que antecipa e imputa um *ethos* à entrevistada, ao apresentá-la aos leitores da Revista, e a própria construção dialogal que efetiva a incorporação do *ethos* da líder comunitária, a qual assume um ponto de vista coletivo, como fiadora da comunidade de Gesteira. Ao assumir a responsabilidade enunciativa do seu discurso e, por conseguinte de seu *ethos*, a líder entrevistada orienta a sua argumentação contra as mineradoras e a justiça brasileira (que aparecem como enunciadores cujos PDVs são anti-orientados em relação ao da entrevistada) e a favor do MAB (que emerge como um (hiper)enunciador com cujo PDV a entrevistada se identifica enquanto líder comunitária).

Ressaltamos aqui a importância de integrar categorias de diferentes modelos dos estudos do discurso e da argumentação cujas abordagens são convergentes e cujo diálogo entre si se mostra profícuo para a análise das mais diversas práticas de linguagem.

## Fonte

Mariana (MG): “Nós, atingidos pelo crime da Samarco/Vale/BHP, não acreditamos mais na Justiça brasileira”. **REVISTA FÓRUM**. 19 mar. 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/meio-ambiente/2023/9/19/mariana-mg-nos-atingidos-pelo-crime-da-samarcovalebhp-no-acreditamos-mais-na-justia-brasileira-144391.html>. Acesso em 1 set. 2025

## Referências

- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.
- AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, p. 129-144, 2011.
- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria E. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1989.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1987.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **A noção de fórmula em análise do discurso**: quadro teórico e metodológico. Tradução de Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Tradução de Marcos Marcionilu. São Paulo: Parábola, 2020.

MEYER, Michel. La conception problématique du langage. **Langue Française**, n. 52, p. 80-99, 1981.

PLANTIN, Christian. A argumentação Biface. In: LARA, G. M. P. MACHADO, I. EMEDITO, W. **Análises do discurso hoje**. V.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PLANTIN, Christian. Análise e crítica do discurso argumentativo. Tradução de Rodrigo dos Santos Mota, Sebastien Giacola e Thaise Almeida dos Santos. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, p. 17-37, nov. 2011.

PLANTIN, Christian. Dicionário de argumentação. Tradução de Rubens Damasceno-Morais e Eduardo Lopes Piris. São Paulo: Contexto, 2025.

RABATEL, Alain. **Homo Narrans**: Por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa. Tradução de Maria das Graças S. Rodrigues, Luis Passeggi e João Gomes da S. Neto. São Paulo: Cortez, 2013.

RABATEL, Alain. **Por uma análise linguística, discursiva e crítica das mídias**. Tradução de Wander Emediato. São Paulo: Pontes, 2025.